

**Fernando Pessoa**

*Cancioneiro*

Ciberfil Literatura Digital



Versão para Adobe Acrobat Reader por  
Rodolfo S. Cassaca

Março de 2002

Permitida a distribuição

Visite nosso site: [www.ciberfil.hpg.ig.com.br](http://www.ciberfil.hpg.ig.com.br)  
ou mande-nos um e-mail: ciberfil@yahoo.com 2

## **Cancioneiro:**

### **Nota Preliminar**

1. *Em todo o momento de atividade mental acontece em nós um duplo fenômeno de percepção: ao mesmo tempo que temos consciência dum estado de alma, temos diante de nós, impressionando-nos os sentidos que estão virados para o exterior, uma paisagem qualquer, entendendo por paisagem, para conveniência de frases, tudo o que forma o mundo exterior num determinado momento da nossa percepção.*
2. *Todo o estado de alma é uma passagem. Isto é, todo o estado de alma é não só representável por uma paisagem, mas verdadeiramente uma paisagem. Há em nós um espaço interior onde a matéria da nossa vida física se agita. Assim uma tristeza é um lago morto dentro de nós, uma alegria um dia de sol no nosso espírito. E — mesmo que se não queira admitir que todo o estado de alma é uma paisagem — pode ao menos admitir-se que todo o estado de alma se pode representar por uma paisagem. Se eu disser “Há sol nos meus pensamentos”, ninguém compreenderá que os meus pensamentos são tristes.*
3. *Assim, tendo nós, ao mesmo tempo, consciência do exterior e do nosso espírito, e sendo o nosso*

*espírito uma paisagem, tempos ao mesmo tempo consciência de duas paisagens. Ora, essas paisagens fundem-se, interpenetram-se, de modo que o nosso estado de alma, seja ele qual for, sofre um pouco da paisagem que estamos vendo — num dia de sol uma alma triste não pode estar tão triste como num dia de chuva — e, também, a paisagem exterior sofre do nosso estado de alma — é de todos os tempos dizer-se, sobretudo em verso, coisas como que “na ausência da amada o sol não brilha”, e outras coisas assim. De maneira que a arte que queira representar bem a realidade terá de a dar através duma representação simultânea da paisagem interior e da paisagem exterior. Resulta que terá de tentar dar uma intersecção de duas paisagens. Tem de ser duas paisagens, mas pode ser — não se querendo admitir que um estado de alma é uma paisagem — que se queira simplesmente interseccionar um estado de alma (puro e simples sentimento) com a paisagem exterior. [...]*

## ÍNDICE

Abat-Jour.....	7
Abdicação.....	8
Abismo.....	
9 A Grande Esfinge do Egito.....	10
A minha vida é um barco abandonado.....	11
A morte chega cedo.....	
12 Andei léguas de sombra.....	13
A alcova.....	
14 Ao longe, ao luar.....	
15 Aqui onde se espera.....	
16 As horas pela alameda.....	
17 As minhas Ansiedades.....	
18 Assim, sem nada feito e o por fazer.....	19
As tuas mãos terminam em segredo.....	20
Às vezes entre a tormenta.....	21

Atravessa esta paisagem o meu sonho	
.....	22 Autopsicografia
.....	
.... 23 (?) Azul ou verde ou roxo	
.....	25
Baladas de uma outra	
terra.....	27
Bate a luz no	
cimo.....	
..... 28 Brilha uma Voz na Noute ...	
.....	29
Canção.....	
..... 30 Cansa Sentir Quando se	
Pensa .....	31
Cerca de grandes muros quem te sonhas	
Conselho .....	32 Cessa o teu
canto!.....	
..... 33 Chove. É dia de	
Natal.....	
... 34 Chove. Há silêncio, porque a mesma	
chuva .....	35 Chove ?
Nenhuma chuva	
cai.....	36
Começa a ir ser	
dia.....	
... 37 Como a noite é longa!	
.....	38
Como inútil taça	
cheia.....	
.. 39 Como uma voz de fonte que cessasse	

..... 40 Conta a lenda  
que  
dormia.....  
41 Contemplo o lago  
mudo.....  
42 Contemplo o que não vejo  
..... 43 Dá a  
surpresa de  
ser.....  
.. 44 Da minha idéia do mundo  
..... 45 De  
onde é quase o horizonte  
..... 46 De  
quem é o olhar  
.....  
47 Ditosos a quem  
acena.....  
.... 48 Dizem que finjo ou minto  
..... 49

4

Dizem?

.....  
..... 50  
Dobre.....  
..... 51 Dorme enquanto eu velo...  
..... 52  
Dorme, que a vida é nada!  
..... 53  
Dorme sobre o meu



seio.....  
 54 Do vale à  
 montanha.....  
 ..... 55 Durmo. Se sonho, ao despertar não  
 sei..... 56 É brando o  
 dia, brando o vento  
 ..... 57 Ela  
 canta, pobre  
 ceifeira.....  
 .. 58 Ela ia, tranqüila  
 pastorinha.....  
 ... 59 Elas são  
 vaporosas.....  
 ..... 60 Em Busca da  
 Beleza.....  
 ..... 61 Em horas inda louras,  
 lindas..... 62  
 Emissário de um rei  
 desconhecido.....  
 63 Em plena vida e violência  
 ..... 64  
 Além-Deus  
 .....  
 ..... 65 Entre o bater rasgado dos  
 pendões..... 68  
 Entre o luar e a folhagem  
 ..... 69  
 Entre o sono e sonho,  
 ..... 70  
 Eros e Psique

.....	71	Esqueço-me	das	horas	
transviadas.....					73
Esta		espécie	de	loucura	
.....					74
Feliz		dia	para	quem	é
.....					76
Flor		que	não	dura	
.....					
77		Foi	um	momento	
.....					
. 78		Fosse eu apenas,	não sei onde	ou	
como.....					80
				Fresta	
.....					
.....	81	Fúria	nas	trevas	o
vento.....					
82					
Glosa.....					
.....	83	Gomes	Leal		
.....					
.....	84	Grandes	mistérios		
habitam.....					
85		Guia-me	a	só	a
.....					razão
.....					86
Ilumina-se		a	Igreja	por	Dentro da
Chuva.....					87
				Intervalo	
.....					
.....					88
Isto.....					
.....					89

Liberdade.....  
 ..... 90 Não digas  
 nada!.....  
 ..... 91 Não: não digas  
 nada!.....  
 .... 92 O Andaime  
 .....  
 ..... 93 O Maestro Sacode a  
 Batuta.....  
 95 O que me dói não  
 é.....  
 97 Pobre velha  
 música!.....  
 ..... 98 Põe-me as mãos nos ombros...  
 ..... 99

5

Sonho. Não sei quem  
 sou..... 100  
 Sorriso audível das  
 folhas.....  
 101 Tenho Tanto Sentimento  
 ..... 102  
 Teus olhos entristecem.  
 ..... 103  
 Tomamos a Vila depois de um Intenso  
 Bombardeamento..... 104 Vaga, no azul  
 amplo solta  
 ..... 105

***Abat-Jour***

A lâmpada acesa

(Outrem a acendeu)  
Baixa uma beleza

Sobre o chão que é meu.  
No quarto deserto  
Salvo o meu sonhar,  
Faz no chão incerto  
Um círculo a ondear.

E entre a sombra e a luz  
Que oscila no chão  
Meu sonho conduz  
Minha inatenção.

Bem sei... Era dia  
E longe de aqui...  
Quanto me sorria  
O que nunca vi!

E no quarto silente  
Com a luz a ondear  
Deixei vagamente  
Até de sonhar...

## ***Abdicação***

Toma-me, ó noite eterna, nos teus braços  
E chama-me teu filho. Eu sou um rei  
que voluntariamente abandonei  
O meu trono de sonhos e cansaços.

Minha espada, pesada a braços lassos,  
Em mãos viris e calmas entreguei;  
E meu cetro e coroa — eu os deixei  
Na antecâmara, feitos em pedaços

Minha cota de malha, tão inútil,  
Minhas esporas de um tinir tão fútil,  
Deixei-as pela fria escadaria.

Despi a realeza, corpo e alma,  
E regressei à noite antiga e calma

Como a paisagem ao morrer do dia.

### ***Abismo***

Olho o Tejo, e de tal arte  
Que me esquece olhar olhando,  
E súbito isto me bate  
De encontro ao devaneando —  
O que é sério, e correr?  
O que é está-lo eu a ver?  
  
Sinto de repente pouco,  
Vácuo, o momento, o lugar.  
Tudo de repente é oco —

Mesmo o meu estar a pensar.  
Tudo — eu e o mundo em redor —  
Fica mais que exterior.

Perde tudo o ser, ficar,  
E do pensar se me some.  
Fico sem poder ligar  
Ser, idéia, alma de nome  
A mim, à terra e aos céus...  
E súbito encontro Deus.

### ***A Grande Esfinge do Egito***

A Grande Esfinge do Egito sonha por este  
papel dentro... Escrevo — e ela aparece-me



através da minha mão transparente E ao  
canto do papel erguem-se as pirâmides...

Escrevo — perturbo-me de ver o  
bico da minha pena Ser o perfil do  
rei Quéops ...

De repente paro...

Escureceu tudo... Caio por um abismo feito de  
tempo...

Estou soterrado sob as pirâmides a escrever  
versos à luz clara deste candeeiro  
E todo o Egito me esmaga de alto através dos  
traços que faço com a pena...

Ouçõ a Esfinge rir por dentro

O som da minha pena a correr no papel...

Atravessa o eu não poder vê-la uma mão  
enorme,

Varre tudo para o canto do teto que fica por  
detrás de mim, E sobre o papel onde escrevo,  
entre ele e a pena que escreve Jaz o cadáver  
do rei Quéops, olhando-me com olhos muito  
abertos, E entre os nossos olhares que se  
cruzam corre o Nilo E uma alegria de barcos  
embandeirados erra

Numa diagonal difusa

Entre mim e o que eu penso...

Funerais do rei Quéops em ouro velho e Mim! ...

***A minha vida é um barco abandonado***

A minha vida é um barco abandonado  
Infiel, no ermo porto, ao seu destino.  
Por que não ergue ferro e segue o atino  
De navegar, casado com o seu fado ?

Ah! falta quem o lance ao mar, e alado  
Torne seu vulto em velas; peregrino  
Frescor de afastamento, no divino  
Amplexo da manhã, puro e salgado.

Morto corpo da ação sem vontade  
Que o viva, vulto estéril de viver,  
Boiando à tona inútil da saudade.

Os limos esverdeiam tua quilha,  
O vento embala-te sem te mover,  
E é para além do mar a ansiada Ilha.

***A morte chega cedo***

A morte chega cedo,  
Pois breve é toda vida  
O instante é o arremedo  
De uma coisa perdida.

O amor foi começado,  
O ideal não acabou,  
E quem tenha alcançado  
Não sabe o que alcançou.

E tudo isto a morte  
Risca por não estar certo

No caderno da sorte  
Que Deus deixou aberto.

***Andei léguas de sombra***

Andei léguas de sombra  
Dentro em meu pensamento.  
Floresceu às avessas  
Meu ócio com sem-nexo,  
E apagaram-se as lâmpadas  
Na alcova cambaleante.

Tudo prestes se volve  
Um deserto macio  
Visto pelo meu tato  
Dos veludos da alcova,  
Não pela minha vista.  
Há um oásis no Incerto  
E, como uma suspeita  
De luz por não-há-frinças,  
Passa uma caravana.

Esquece-me de súbito  
Como é o espaço, e o tempo  
Em vez de horizontal  
É vertical.

Desce não se por onde  
Até não me encontrar.  
Ascende um leve fumo  
Das minhas sensações.  
Deixo de me incluir  
Dentro de mim. Não há  
Cá-dentro nem lá-fora.

E o deserto está agora  
Virado para baixo.

A noção de mover-me  
Esqueceu-se do meu nome.  
Na alma meu corpo pesa-me.  
Sinto-me um reposteiro  
Pendurado na sala  
Onde jaz alguém morto.

Qualquer coisa caiu  
E tiniu no infinito.

***Ao longe, ao luar***

Ao longe, ao luar,  
No rio uma vela,  
Serena a passar,  
Que é que me revela ?

Não sei, mas meu ser  
Tornou-se-me estranho,  
E eu sonho sem ver  
Os sonhos que tenho.

Que angústia me enlaça ?  
Que amor não se explica ?  
É a vela que passa

Na noite que fica.

***Aqui onde se espera***

Aqui onde se espera  
— Sossego, só sossego —  
Isso que outrora era,  
  
Aqui onde, dormindo,  
— Sossego, só sossego —  
Se sente a noite vindo,



E nada importaria  
— Sossego, só sossego —  
Que fosse antes o dia,

Aqui, aqui estarei  
— Sossego, só sossego —  
Como no exílio um rei,

Gozando da ventura  
— Sossego, só sossego —  
De não ter a amargura

De reinar, mas guardando  
— Sossego, só sossego —  
O nome venerando...

Que mais quer quem descansa  
— Sossego, só sossego —  
Da dor e da esperança,

Que ter a negação  
— Sossego, só sossego —  
De todo o coração ?

***As horas pela alameda***

As horas pela alameda  
Arrastam vestes de seda,  
Vestes de seda sonhada  
Pela alameda alongada  
Sob o azular do luar...  
E ouve-se no ar a expirar —  
A expirar mas nunca expira —  
Uma flauta que delira,  
Que é mais a idéia de ouvi-la  
Que ouvi-la quase tranqüila  
Pelo ar a ondear e a ir...  
Silêncio a tremeluzir...

***As minhas Ansiedades***

As minhas ansiedades caem  
Por uma escada abaixo.  
Os meus desejos balouçam-se  
Em meio de um jardim vertical.  
Na Múmia a posição é absolutamente exata.  
Música longínqua,  
Música excessivamente longínqua,  
Para que a Vida passe  
E colher esqueça aos gestos.

***Assim, sem nada feito e o por fazer***

Assim, sem nada feito e o por fazer  
Mal pensado, ou sonhado sem pensar,  
Vejo os meus dias nulos decorrer,  
E o cansaço de nada me aumentar.  
Perdura, sim, como uma mocidade  
Que a si mesma se sobrevive, a esperança,

Mas a mesma esperança o tédio invade,  
E a mesma falsa mocidade cansa.

Tênue passar das horas sem proveito,  
Leve correr dos dias sem ação,  
Como a quem com saúde jaz no leito  
Ou quem sempre se atrasa sem razão.

Vadio sem andar, meu ser inerte  
Contempla-me, que esqueço de querer,  
E a tarde exterior seu tédio verte  
Sobre quem nada fez e nada quere.

Inútil vida, posta a um canto e ida  
Sem que alguém nela fosse, nau sem mar,  
Obra solentemente por ser lida,  
Ah, deixem-se sonhar sem esperar!

## ***As tuas mãos terminam em segredo***

As tuas mãos terminam em segredo.  
Os teus olhos são negros e macios  
Cristo na cruz os teus seios (?) esguios  
E o teu perfil princesas no degredo...

Entre buxos e ao pé de bancos frios  
Nas entrevistas alamedas, quedo  
O vendo pôe o seu arrastado medo  
Saudoso o longes velas de navios.

Mas quando o mar subir na praia e for  
Arrasar os castelos que na areia  
As crianças deixaram, meu amor,

Será o haver cais num mar distante...  
Pobre do rei pai das princesas feias  
No seu castelo à rosa do Levante!

***Às vezes entre a tormenta***

Às vezes entre a tormenta,  
quando já umedeceu,  
raia uma nesga no céu,  
com que a alma se alimenta.

E às vezes entre o torpor  
que não é tormenta da alma,  
raia uma espécie de calma  
que não conhece o langor.

E, quer num quer noutro caso,

como o mal feito está feito,  
restam os versos que deito,  
vinho no copo do acaso.

Porque verdadeiramente  
sentir é tão complicado  
que só andando enganado  
é que se crê que se sente.

Sofremos? Os versos pecam.  
Mentimos? Os versos falham.  
E tudo é chuvas que orvalham  
folhas caídas que secam.

***Atravessa esta paisagem o meu sonho***

Atravessa esta paisagem o meu sonho dum  
porto infinito E a cor das flores é



transparente de as velas de grandes navios  
Que largam do cais arrastando nas águas  
por sombra Os vultos ao sol daquelas  
árvores antigas...

O porto que sonho é sombrio e pálido  
E esta paisagem é cheia de sol deste lado...  
Mas no meu espírito o sol deste dia é porto  
sombrio  
E os navios que saem do porto são estas árvores  
ao sol...

Liberto em duplo, abandonei-me da  
paisagem abaixo... O vulto do cais é a  
estrada nítida e calma  
Que se levanta e se ergue como um muro,  
E os navios passam por dentro dos  
troncos das árvores Com uma  
horizontalidade vertical,  
E deixam cair amarras na água pelas folhas uma a  
uma dentro...

Não sei quem me sonho...  
Súbito toda a água do mar do porto é  
transparente  
E vejo no fundo, como uma estampa  
enorme que lá estivesse desdobrada,  
Esta paisagem toda, renque de árvore,  
estrada a arder em aquele porto,  
E a sombra duma nau mais antiga que  
o porto que passa Entre o meu sonho

do porto e o meu ver esta paisagem E  
chega ao pé de mim, e entra por mim  
dentro,  
E passa para o outro lado da minha alma...

22

### ***Autopsicografia***

O poeta é um fingidor.  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente.

E os que lêem o que escreve,  
Na dor lida sentem bem,  
Não as duas que ele teve,  
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda  
Gira, a entreter a razão,  
Esse comboio de corda  
Que se chama coração.

23

24

***(?) Azul ou verde ou roxo***

Azul, ou verde, ou roxo quando o sol  
O doura falsamente de vermelho,  
O mar é áspero (?), casual (?) ou mol(e),  
É uma vez abismo e outra espelho.  
Evoco porque sinto velho  
O que em mim quereria mais que o mar  
Já que nada ali há por desvendar.

Os grandes capitães e os marinheiros  
Com que fizeram a navegação,  
Jazem longínquos, lúgubres parceiros  
Do nosso esquecimento e ingratidão.

Só o mar às vezes, quando são  
Grandes as ondas e é deveras mar  
Parece incertamente recordar.

Mas sonho... O mar é água, é água nua,  
Serva do obscuro ímpeto distante  
Que, como a poesia, vem da lua  
Que uma vez o abate outra o levanta.  
Mas, por mais que descante  
Sobre a ignorância natural do mar,  
Pressinto-o, vasante, a murmurar.

Quem sabe o que é a alma ? Quem conhece  
Que alma há nas coisas que parecem mortas.  
Quanto em terra ou em nada nunca esquece.  
Quem sabe se no espaço vácuo há portas?  
O sonho que me exortas  
A meditar assim a voz do mar,  
Ensina-me a saber-te meditar.

Capitães, contramestres — todos nautas  
Da descoberta infiel de cada dia  
Acaso vos chamou de ignotas flautas  
A vaga e impossível melodia.  
Acaso o vosso ouvido ouvia  
Qualquer coisa do mar sem ser o mar  
Sereias só de ouvir e não de achar?

Quem atrás de intérminos oceanos  
Vos chamou à distância ou quem  
Sabe que há nos corações humanos  
Não só uma ânsia natural de bem  
Mas, mais vaga, mais sutil também  
Uma coisa que quer o som do mar  
E o estar longe de tudo e não parar.

Se assim é e se vós e o mar imenso  
Sois qualquer coisa, vós por o sentir  
E o mar por o ser, disto que penso;  
Se no fundo ignorado do existir  
Há mais alma que a que pode vir  
À tona vã de nós, como à do mar  
Fazei-me livre, enfim , de o ignorar.

Dai-me uma alma transposta de argonauta,  
Fazei que eu tenha, como o capitão  
Ou o contramestre, ouvidos para a flauta  
Que chama ao longe o nosso coração,  
Fazei-me ouvir , como a um perdão,  
Numa reminiscência de ensinar,  
O antigo português que fala o mar!

***Baladas de uma outra terra***

Baladas de uma outra terra, aliadas  
Às saudades das fadas, amadas por gnomos  
idos,  
Retinem lívidas ainda aos ouvidos  
Dos luares das altas noites aladas...  
Pelos canais barcas erradas  
Segredam-se rumos descritos...  
  
E tresloucadas ou casadas com o som das  
baladas,  
As fadas são belas e as estrelas  
São delas... Ei-las alheadas...

E são fumos os rumos das barcas sonhadas,  
Nos canais fatais iguais de erradas,  
As barcas parcas das fadas,  
Das fadas aladas e hiemais  
E caladas...

Toadas afastadas, irreais, de baladas...  
Ais...

***Bate a luz no cimo...***

Bate a luz no cimo  
Da montanha, vê...  
Sem querer eu cismo  
Mas não sei em quê....

Não sei que perdi  
Ou que não achei...  
Vida que vivi,  
Que mal eu a amei!...

Hoje quero tanto  
Que o não posso ter,  
De manhã há o pranto  
E ao anoitecer...

Tomara eu ter jeito  
Para ser feliz...  
Como o mundo é estreito,  
E o pouco que eu quis!

Vai morrendo a luz  
No alto da montanha...  
Como um rio a flux  
A minha alma banha,

Mas não me acarinha,  
Não me acalma nada...  
Pobre criancinha  
Perdida na estrada!...



***Brilha uma Voz na Noute ...***

Brilha uma voz na noute  
De dentro de Fora ouvi-a...  
Ó Universo, eu sou-te...  
Oh, o horror da alegria  
Deste pavor, do archote  
Se apagar, que me guia!

Cinzas de idéia e de nome  
Em mim, e a voz: Ó mundo,  
Sermente em ti eu sou-me...  
Mero eco de mim, me inundo  
De ondas de negro lume  
Em que pra Deus me afundo.

**Canção**

Silfos ou gnomos tocam?...  
Roçam nos pinheirais  
Sombras e bafos leves  
De ritmos musicais.

Ondulam como em voltas  
De estradas não sei onde  
Ou como alguém que entre árvores

Ora se mostra ou esconde.

Forma longínqua e incerta

Do que eu nunca terei...

Mal oiço e quase choro.

Por que choro não sei.

Tão tênue melodia

Que mal sei se ela existe

Ou se é só o crepúsculo,

Os pinhais e eu estar triste.

Mas cessa, como uma brisa

Esquece a forma aos seus ais;

E agora não há mais música

Do que a dos pinheirais.

Cansa sentir quando se pensa.  
No ar da noite a madrugada  
Há uma solidão imensa  
Que tem por corpo o frio do ar.

Neste momento insone e triste  
Em que não sei quem hei de ser,  
Pesa-me o informe real que existe  
Na noite antes de amanhecer.

Tudo isto me parece tudo.  
E é uma noite a ter um fim  
Um negro astral silêncio surdo  
E não poder viver assim.

(Tudo isto me parece tudo.  
Mas noite, frio, negror sem fim,  
Mundo mudo, silêncio mudo —  
Ah, nada é isto, nada é assim!)

***Cerca de grandes muros quem te  
sonhas Conselho***

Cerca de grandes muros quem te sonhas.  
Depois, onde é visível o jardim  
Através do portão de grade dada,  
Põe quantas flores são as mais risonhas,  
Para que te conheçam só assim.  
Onde ninguém o vir não ponhas nada.

Faze canteiros como os que outros têm,  
Onde os olhares possam entrever  
O teu jardim com lho vais mostrar.  
Mas onde és teu, e nunca o vê ninguém,

Deixa as flores que vêm do chão crescer  
E deixa as ervas naturais medrar.

Faze de ti um duplo ser guardado;  
E que ninguém, que veja e fite, possa  
Saber mais que um jardim de quem tu és —  
Um jardim ostensivo e reservado,  
Por trás do qual a flor nativa roça  
A erva tão pobre que nem tu a vês...

***Cessa o teu canto!***

Cessa o teu canto!  
Cessa, que, enquanto  
O ouvi, ouvia  
Uma outra voz  
Com que vindo

Nos interstícios  
Do brando encanto  
Com que o teu canto  
Vinha até nós.

Ouvi-te e ouvi-a  
No mesmo tempo  
E diferentes  
Juntas cantar.  
E a melodia  
Que não havia.  
Se agora a lembro,  
Faz-me chorar.

## ***Chove. É dia de Natal***

Chove. É dia de Natal.  
Lá para o Norte é melhor:  
Há a neve que faz mal,  
E o frio que ainda é pior.

E toda a gente é contente  
Porque é dia de o ficar.  
Chove no Natal presente.  
Antes isso que nevar.

Pois apesar de ser esse  
O Natal da convenção,  
Quando o corpo me arrefece  
Tenho o frio e Natal não.

Deixo sentir a quem quadra  
E o Natal a quem o fez,  
Pois se escrevo ainda outra quadra  
Fico gelado dos pés.



***Chove. Há silêncio, porque a mesma  
chuva***

Chove. Há silêncio, porque a mesma chuva  
Não faz ruído senão com sossego.  
Chove. O céu dorme. Quando a alma é viúva  
Do que não sabe, o sentimento é cego.  
Chove. Meu ser (quem sou) renego...  
Tão calma é a chuva que se solta no ar  
(Nem parece de nuvens) que parece  
Que não é chuva, mas um sussurrar  
Que de si mesmo, ao sussurrar, se esquece.  
Chove. Nada apetece...

Não paira vento, não há céu que eu sinta.  
Chove longínqua e indistintamente,  
Como uma coisa certa que nos minta,  
Como um grande desejo que nos mente.  
Chove. Nada em mim sente...

***Chove ? Nenhuma chuva cai...***

Chove? Nenhuma chuva cai...  
Então onde é que eu sinto um dia  
Em que ruído da chuva atrainha  
A minha inútil agonia ?

Onde é que chove, que eu o ouço ?  
Onde é que é triste, ó claro céu ?  
Eu quero sorrir-te, e não posso,  
Ó céu azul, chamar-te meu...

E o escuro ruído da chuva  
É constante em meu pensamento.  
Meu ser é a invisível curva  
Traçada pelo som do vento...

E eis que ante o sol e o azul do dia,  
Como se a hora me estorvasse,  
Eu sofro... E a luz e a sua alegria  
Cai aos meus pés como um disfarce.

Ah, na minha alma sempre chove.  
Há sempre escuro dentro de mim.  
Se escuro, alguém dentro de mim ouve  
A chuva, como a voz de um fim...

Os céus da tua face, e os derradeiros  
Tons do poente segredam nas arcadas...

No claustro seqüestrando a lucidez  
Um espasmo apagado em ódio à ânsia  
Põe dias de ilhas vistas do convés

No meu cansaço perdido entre os gelos,  
E a cor do outono é um funeral de apelos  
Pela estrada da minha dissonância...

***Começa a ir ser dia***

Começa a ir ser dia,  
O céu negro começa,  
Numa menor negrura  
Da sua noite escura,  
A Ter uma cor fria  
Onde a negrura cessa.

Um negro azul-cinzento  
Emerge vagamente  
De onde o oriente dorme  
Seu tardo sono informe,  
E há um frio sem vento  
Que se ouve e mal se sente.

Mas eu, o mal-dormido,  
Não sinto noite ou frio,  
Nem sinto vir o dia  
Da solidão vazia.  
Só sinto o indefinido  
Do coração vazio.

Em vão o dia chega  
Quem não dorme, a quem

Não tem que ter razão  
Dentro do coração,  
Que quando vive nega  
E quando ama não tem.

Em vão, em vão, e o céu  
Azula-se de verde  
Acinzentadamente.  
Que é isto que a minha alma sente ?  
Nem isto, não, nem eu,  
Na noite que se perde.

### ***Como a noite é longa!***

Como a noite é longa!  
Toda a noite é assim...  
Senta-te, ama, perto  
Do leito onde esperto.  
Vem p'r'ao pé de mim...

Amei tanta coisa...  
Hoje nada existe.  
Aqui ao pé da cama  
Canta-me, minha ama,  
Uma canção triste.

Era uma princesa  
Que amou... Já não sei...  
Como estou esquecido!  
Canta-me ao ouvido  
E adormecerei...

Que é feito de tudo ?  
Que fiz eu de mim?  
Deixa-me dormir,

Dormir a sorrir  
E seja isto o fim.

### ***Como inútil taça cheia***

Como inútil taça cheia  
Que ninguém ergue da mesa,  
Transborda de dor alheia

Meu coração sem tristeza.

Sonhos de mágoa figura  
Só para Ter que sentir  
E assim não tem a amargura  
Que se temeu a fingir.

Ficção num palco sem tábuas  
Vestida de papel seda  
Mima uma dança de mágoas  
Para que nada suceda.

## ***Como uma voz de fonte que cessasse***

Como uma voz de fonte que cessasse  
(E uns para os outros nossos vãos olhares  
Se admiraram), p'ra além dos meus palmares  
De sonho, a voz que do meu tédio nasce

Parou... Apareceu já sem disfarce  
De música longínqua, asas nos ares,  
O mistério silente como os mares,  
Quando morreu o vento e a calma pasce...

A paisagem longínqua só existe  
Para haver nela um silêncio em descida  
P'ra o mistério, silêncio a que a hora assiste...

E, perto ou longe, grande lago mudo,  
O mundo, o informe mundo onde há a vida...  
E Deus, a Grande Ogiva ao fim de tudo...



***Conta a lenda que dormia***

Conta a lenda que dormia  
Uma Princesa encantada  
A quem só despertaria  
Um Infante, que viria  
De além do muro da estrada.

Ele tinha que, tentado,  
Vencer o mal e o bem,  
Antes que, já libertado,  
Deixasse o caminho errado  
Por o que à Princesa vem.

A Princesa Adormecida,  
Se espera, dormindo espera.  
Sonha em morte a sua vida,  
E orna-lhe a fronte esquecida,  
Verde, uma grinalda de hera.

Longe o Infante, esforçado,  
Sem saber que intuito tem,  
Rompe o caminho fadado.  
Ele dela é ignorado.  
Ela para ele é ninguém.

Mas cada um cumpre o Destino —  
Ela dormindo encantada,  
Ele buscando-a sem tino  
Pelo processo divino  
Que faz existir a estrada.

E, se bem que seja obscuro  
Tudo pela estrada fora,  
E falso, ele vem seguro,  
E, vencendo estrada e muro,  
Chega onde em sono ela mora.  
E, inda tonto do que houvera,  
À cabeça, em maresia,  
Ergue a mão, e encontra hera,  
E vê que ele mesmo era  
A Princesa que dormia.

***Contemplo o lago mudo***

Contemplo o lago mudo  
Que uma brisa estremece.  
Não sei se penso em tudo  
Ou se tudo me esquece.

O lago nada me diz,  
Não sinto a brisa mexê-lo  
Não sei se sou feliz  
Nem se desejo sê-lo.

Trêmulos vincos risonhos  
Na água adormecida.  
Por que fiz eu dos sonhos  
A minha única vida?

***Contemplo o que não vejo***

Contemplo o que não vejo.  
É tarde, é quase escuro.  
E quanto em mim desejo  
Está parado ante o muro.

Por cima o céu é grande;  
Sinto árvores além;  
Embora o vento abrande,  
Há folhas em vaivém.

Tudo é do outro lado,  
No que há e no que penso.  
Nem há ramo agitado  
Que o céu não seja imenso.

Confunde-se o que existe  
Com o que durmo e sou.  
Não sinto, não sou triste.  
Mas triste é o que estou.

***Dá a surpresa de ser***

Dá a surpresa de ser.  
É alta, de um louro escuro.  
Faz bem só pensar em ver

Seu corpo meio maduro.

Seus seios altos parecem

(Se ela tivesse deitada)

Dois montinhos que amanhecem

Sem Ter que haver madrugada.

E a mão do seu braço branco

Assenta em palmo espalhado

Sobre a saliência do flanco

Do seu relevo tapado.

Apetece como um barco.

Tem qualquer coisa de gomo.

Meu Deus, quando é que eu embarco?

Ó fome, quando é que eu como ?

***Da minha idéia do mundo***

Da minha idéia do mundo

Caí...

Vácuo além do profundo,

Sem ter Eu nem Ali...

Vácuo sem si-próprio, caos

De ser pensado como ser...

Escada absoluta sem degraus...

Visão que se não pode ver...

Além-Deus! Além-Deus! Negra calma...

Clarão do Desconhecido...

Tudo tem outro sentido, ó alma,

Mesmo o ter-um-sentido...

45

***De onde é quase o horizonte***

De onde é quase o horizonte  
Sobe uma névoa ligeira  
E afaga o pequeno monte  
Que pára na dianteira.

E com braços de farrapo  
Quase invisíveis e frios,  
Faz cair seu ser de trapo



Sobre os contornos macios.

Um pouco de alto medito

A névoa só com a ver.

A vida? Não acredito.

A crença? Não sei viver.

***De quem é o olhar***

De quem é o olhar

Que espreita por meus olhos ?

Quando penso que vejo,  
Quem continua vendo  
Enquanto estou pensando ?  
Por que caminhos seguem,  
Não os meus tristes passos,  
Mas a realidade  
De eu ter passos comigo ?

Às vezes, na penumbra  
Do meu quarto, quando eu  
Por mim próprio mesmo  
Em alma mal existo,

Toma um outro sentido  
Em mim o Universo —  
É uma nódoa esbatida  
De eu ser consciente sobre  
Minha idéia das coisas.

Se acenderem as velas  
E não houver apenas  
A vaga luz de fora —  
Não sei que candeeiro  
Aceso onde na rua —  
Terei foscos desejos  
De nunca haver mais nada  
No Universo e na Vida  
De que o obscuro momento  
Que é minha vida agora!

Um momento afluyente  
Dum rio sempre a ir

Esquecer-se de ser,  
Espaço misterioso  
Entre espaços desertos  
Cujo sentido é nulo  
E sem ser nada a nada.  
E assim a hora passa  
Metafisicamente.

47

### ***Ditosos a quem acena***

#### **MARINHA**

Ditosos a quem acena  
Um lenço de despedida!  
São felizes : têm pena...  
Eu sofro sem pena a vida.

Dôo-me até onde penso,  
E a dor é já de pensar,  
Órfão de um sonho suspenso  
Pela maré a vazar...

E sobe até mim, já farto  
De improficuas agonias,  
No cais de onde nunca parto,  
A maresia dos dias.

***Dizem que finjo ou minto***

Dizem que finjo ou minto  
Tudo que escrevo. Não.  
Eu simplesmente sinto  
Com a imaginação.  
Não uso o coração.

Tudo o que sonho ou passo,  
O que me falha ou finda,  
É como que um terraço  
Sobre outra coisa ainda.  
Essa coisa é que é linda.

Por isso escrevo em meio  
Do que não está ao pé,  
Livre do meu enleio,  
Sério do que não é,  
Sentir, sintam quem lê!

***Dizem?***

Dizem?  
Esquecem.  
Não dizem ?  
Disseram.

Fazem?  
Fatal.  
Não fazem?  
Igual.

Por quê  
Esperar ?  
Tudo é  
Sonhar.

Peguei no meu coração  
E pu-lo na minha mão

Olhei-o como quem olha  
Grãos de areia ou uma folha.

Olhei-o pálido e absorto  
Como quem sabe estar morto;

Com a alma só comovida  
Do sonho e pouco da vida.

***Dorme enquanto eu velo...***

Dorme enquanto eu velo...

Deixa-me sonhar...

Nada em mim é risonho.

Quero-te para sonho,

Não para te amar.

A tua carne calma



É fria em meu querer.  
Os meus desejos são cansaços.  
Nem quero ter nos braços  
Meu sonho do teu ser.

Dorme, dorme, dorme,  
Vaga em teu sorrir...  
Sonho-te tão atento  
Que o sonho é encantamento  
E eu sonho sem sentir.

***Dorme, que a vida é nada!***

Dorme, que a vida é nada!

Dorme, que tudo é vão!  
Se alguém achou a estrada,  
Achou-a em confusão,  
Com a alma enganada.

Não há lugar nem dia  
Para quem quer achar,  
Nem paz nem alegria  
Para quem, por amar,  
Em quem ama confia.

Melhor entre onde os ramos  
Tecem docéis sem ser  
Ficar como ficamos,  
Sem pensar nem querer,  
Dando o que nunca damos.

***Dorme sobre o meu seio***

Dorme sobre o meu seio,  
Sonhando de sonhar...  
No teu olhar eu leio  
Um lúbrico vagar.  
Dorme no sonho de existir  
E na ilusão de amar.

Tudo é nada, e tudo  
Um sonho finge ser.  
O 'spaço negro é mudo.  
Dorme, e, ao adormecer,

Saibas do coração sorrir  
Sorrisos de esquecer.

Dorme sobre o meu seio,  
Sem mágoa nem amor...

No teu olhar eu leio  
O íntimo torpor  
De quem conhece o nada-ser  
De vida e gozo e dor.

### ***Do vale à montanha***

Do vale à montanha,  
Da montanha ao monte, cavalo de sombra,  
Cavaleiro monge,

Pr casas, por prados,  
Por Quinta e por fonte,  
Caminhais aliados.

Do vale à montanha,  
Da montanha ao monte,  
Cavalo de sombra,  
Cavaleiro monge,  
Por penhascos pretos,  
Atrás e defronte,  
Caminhais secretos.

Do vale à montanha,  
Da montanha ao monte,  
Cavalo de sombra,  
Cavaleiro monge,  
Por quanto é sem fim,  
Sem ninguém que o conte,  
Caminhais em mim.

***Durmo. Se sonho, ao despertar não sei***

Durmo. Se sonho, ao despertar não sei  
Que coisas eu sonhei.

Durmo. Se durmo sem sonhar, desperto  
Para um espaço aberto  
Que não conheço, pois que despertei  
Para o que inda não sei.

Melhor é nem sonhar nem não sonhar  
E nunca despertar.

***É brando o dia, brando o vento***

É brando o dia, brando o vento  
É brando o sol e brando o céu.  
Assim fosse meu pensamento!  
Assim fosse eu, assim fosse eu!

Mas entre mim e as brandas glórias  
Deste céu limpo e este ar sem mim  
Intervêm sonhos e memórias...  
Ser eu assim ser eu assim!

Ah, o mundo é quanto nós trazemos.  
Existe tudo porque existo.  
Há porque vemos.  
E tudo é isto, tudo é isto!



Ela canta, pobre ceifeira,  
Julgando-se feliz talvez;  
Canta, e ceifa, e a sua voz, cheia  
De alegre e anônima viuvez,

Ondula como um canto de ave  
No ar limpo como um limiar,  
E há curvas no enredo suave  
Do som que ela tem a cantar.

Ouvi-la alegre e entristece,  
Na sua voz há o campo e a lida,  
E canta como se tivesse  
Mais razões pra cantar que a vida.

Ah, canta, canta sem razão!  
O que em mim sente 'stá pensando.  
Derrama no meu coração a tua incerta voz  
ondeando!

Ah, poder ser tu, sendo eu!  
Ter a tua alegre inconsciência,  
E a consciência disso! Ó céu!  
Ó campo! Ó canção! A ciência

Pesa tanto e a vida é tão breve!  
Entraí por mim dentro! Tornai  
Minha alma a vossa sombra leve!  
Depois, levando-me, passai!

***Ela ia, tranqüila pastorinha***

Ela ia, tranqüila pastorinha,  
Pela estrada da minha imperfeição.  
Segui-a, como um gesto de perdão,  
O seu rebanho, a saudade minha...

“Em longes terras hás de ser rainha  
Um dia lhe disseram, mas em vão...  
Seu vulto perde-se na escuridão...  
Só sua sombra ante meus pés caminha...

Deus te dê lírios em vez desta hora,  
E em terras longe do que eu hoje sinto  
Serás, rainha não, mas só pastora \_

Só sempre a mesma pastorinha a ir,  
E eu serei teu regresso, esse indistinto  
Abismo entre o meu sonho e o meu porvir...

***Elas são vaporosas***

**MINUETE INVISÍVEL**

Elas são vaporosas,  
Pálidas sombras, as rosas  
Nadas da hora lunar...

Vêm, aéreas, dançar  
Com perfumes soltos  
Entre os canteiros e os buxos...  
Chora no som dos repuxos  
O ritmo que há nos seus vultos...

Passam e agitam a brisa...  
Pálida, a pompa indecisa  
Da sua flébil demora  
Paira em auréola à hora...

Passam nos ritmos da sombra...  
Ora é uma folha que tomba,  
Ora uma brisa que treme  
Sua leveza solene...

E assim vão indo, delindo  
Seu perfil único e lindo,  
Seu vulto feito de todas,  
Nas alamedas, em rodas,  
No jardim lívido e frio...

Passam sozinhas, a fio,  
Como um fumo indo, a rarear,  
Pelo ar longínquo e vazio,  
Sob o, disperso pelo ar,  
Pálido pálio lunar ...

Soam vãos, dolorido epicurista,  
Os versos teus, que a minha dor despreza;  
Já tive a alma sem descrença presa  
Desse teu sonho, que perturba a vista.

Da Perfeição segui em vã conquista,  
Mas vi depressa, já sem a alma acesa,  
Que a própria idéia em nós dessa beleza  
Um infinito de nós mesmos dista.

Nem à nossa alma definir podemos  
A Perfeição em cuja estrada a vida,  
Achando-a intérrima, a chorar perdemos.

O mar tem fim, o céu talvez o tenha,  
Mas não a ânsia da Coisa indefinida  
Que o ser indefinida faz tamanha.

***Em horas inda louras, lindas***

Em horas inda louras, lindas  
Clorindas e Belindas, brandas,  
Brincam no tempo das berlindas,  
As vindas vendo das varandas,  
De onde ouvem vir a rir as vindas  
Fitam a fio as frias bandas.

Mas em torno à tarde se entorna  
A atordoar o ar que arde  
Que a eterna tarde já não torna!

E o tom de atoarda todo o alarde  
Do adornado ardor transtorna  
No ar de torpor da tarda tarde.

E há nevoentos desencantos  
Dos encantos dos pensamentos  
Nos santos lentos dos recantos  
Dos bentos cantos dos conventos....  
Prantos de intentos, lentos, tantos  
Que encantam os atentos ventos.

***Emissário de um rei desconhecido***

Emissário de um rei desconhecido,  
Eu cumprio informes instruções de além,  
E as bruscas frases que aos meus lábios vêm

Soam-me a um outro e anômalo sentido...

Inconscientemente me divido

Entre mim e a missão que o meu ser tem,

E a glória do meu Rei dá-me desdém

Por este humano povo entre quem lido...

Não sei se existe o Rei que me mandou.

Minha missão será eu a esquecer,

Meu orgulho o deserto em que em mim estou...

Mas há! Eu sinto-me altas tradições

De antes de tempo e espaço e vida e ser...

Já viram Deus as minhas sensações...



***Em plena vida e violência***

Em plena vida e violência  
De desejo e ambição,  
De repente uma sonolência  
Cai sobre a minha ausência.  
Desce ao meu próprio coração.

Será que a mente, já desperta  
Da noção falsa de viver,  
Vê que, pela janela aberta,  
Há uma paisagem toda incerta  
E um sonho todo a apetecer ?

***Além-Deus***

**Abismo**

**Passou**

**A Voz de Deus**

**A Queda**

**Braço sem Corpo Brandindo um Gládio**

## **I/ ABISMO**

OLHO O TEJO, e de tal arte  
Que me esquece olhar olhando,  
E súbito isto me bate  
De encontro ao devaneando —  
O que é ser-rio, e correr?  
O que é está-lo eu a ver?

Sinto de repente pouco,  
Vácuo, o momento, o lugar.  
Tudo de repente é oco —  
Mesmo o meu estar a pensar.  
Tudo — eu e o mundo em redor —  
Fica mais que exterior.

Perde tudo o ser, ficar,  
E do pensar se me some.  
Fico sem poder ligar  
Ser, idéia, alma de nome  
A mim, à terra e aos céus...

E súbito encontro Deus.

## **II/ PASSOU**

Passou, fora de Quando,  
De Porquê, e de Passando...,  
Turbilhão de Ignorado,  
Sem ter turbilhonado...,  
  
Vasto por fora do Vasto  
Sem ser, que a si se assombra...

O Universo é o seu rasto...  
Deus é a sua sombra...

65

### **III/ A VOZ DE DEUS**

Brilha uma voz na noute...  
De dentro de Fora ouvi-a...  
Ó Universo, eu sou-te...  
Oh, o horror da alegria  
Deste pavor, do archote  
Se apagar, que me guia!

Cinzas de idéia e de nome  
Em mim, e a voz: Ó mundo,  
Sermente em ti eu sou-me...  
Mero eco de mim, me inundo  
De ondas de negro lume  
Em que para Deus me afundo.

### **IV/ A QUEDA**

Da minha idéia do mundo  
Caí...  
Vácuo além de profundo,  
Sem ter Eu nem Ali...

Vácuo sem si-próprio, caos  
De ser pensado como ser...  
Escada absoluta sem degraus...  
Visão que se não pode ver...

Além-Deus! Além-Deus! Negra calma...  
Clarão de Desconhecido...  
Tudo tem outro sentido, ó alma,  
Mesmo o ter-um-sentido...

**V/ BRAÇO SEM CORPO  
BRANDINDO UM GLÁDIO (Entre a  
árvore e o vê-la)**

Entre a árvore e o vê-la  
Onde está o sonho?  
Que arco da ponte mais vela  
Deus?... E eu fico tristonho  
Por não saber se a curva da ponte  
É a curva do horizonte...

66

Entre o que vive e a vida  
Pra que lado corre o rio?  
Árvore de folhas vestida —  
Entre isso e Árvore há fio?  
Pombas voando — o pombal  
Está-lhes sempre à direita, ou é real?  
  
Deus é um grande Intervalo,  
Mas entre quê e quê?...  
Entre o que digo e o que calo  
Existo? Quem é que me vê?  
Erro-me... E o pombal elevado  
Está em torno na pomba, ou de lado?

[1913?]

67

***Entre o bater rasgado dos pendões***

Entre o bater rasgado dos pendões  
E o cessar dos clarins na tarde alheia,  
A derrota ficou : como uma cheia  
Do mal cobriu os vagos batalhões.  
Foi em vão que o Rei louco os seus varões

Trouxe ao prolixo prélio, sem idéia.  
Água que mão infiel verteu na areia —  
Tudo morreu, sem rastro e sem razões.

A noite cobre o campo, que o Destino  
Com a morte tornou abandonado.  
Cessou, com cessar tudo, o desatino.

Só no luar que nasce os pendões rotos  
'Strelam no absurdo campo desolado  
Uma derrota heráldica de ignotos.

Entre o luar e a folhagem,  
Entre o sossego e o arvoredo,  
Entre o ser noite e haver aragem  
Passa um segredo.  
Segue-o minha alma na passagem.

Tênue lembrança ou saudade,  
Princípio ou fim do que não foi,  
Não tem lugar, não tem verdade.  
Atrai e dói.

Segue-o meu ser em liberdade.

Vazio encanto ébrio de si,  
Tristeza ou alegria o traz ?  
O que sou dele a quem sorri ?  
Nada é nem faz.  
Só de segui-lo me perdi.



***Entre o sono e sonho,***

Entre mim e o que em mim  
É o quem eu me suponho  
Corre um rio sem fim.

Passou por outras margens,  
Diversas mais além,  
Naquelas várias viagens  
Que todo o rio tem.

Chegou onde hoje habito  
A casa que hoje sou.  
Passa, se eu me medito;

Se desperto, passou.  
E quem me sinto e morre  
No que me liga a mim  
Dorme onde o rio corre —  
Esse rio sem fim.

### ***Eros e Psique***

...E assim vêdes, meu Irmão, que as  
verdades  
que vos foram dadas no Grau de Neófito, e  
aquelas que vos foram dadas no Grau de  
Adepto

Menor, são, ainda que opostas, a mesma  
verdade.

*(Do Ritual Do Grau De Mestre Do  
Átrio  
Na Ordem Templária De Portugal)*

Conta a lenda que dormia  
Uma Princesa encantada  
A quem só despertaria  
Um Infante, que viria  
De além do muro da estrada.

Ele tinha que, tentado,  
Vencer o mal e o bem,  
Antes que, já libertado,  
Deixasse o caminho errado  
Por o que à Princesa vem.

A Princesa Adormecida,  
Se espera, dormindo espera,  
Sonha em morte a sua vida,  
E orna-lhe a fronte esquecida,  
Verde, uma grinalda de hera.

Longe o Infante, esforçado,  
Sem saber que intuito tem,  
Rompe o caminho fadado,  
Ele dela é ignorado,  
Ela para ele é ninguém.

Mas cada um cumpre o Destino  
Ela dormindo encantada,  
Ele buscando-a sem tino

Pelo processo divino  
Que faz existir a estrada.

E, se bem que seja obscuro  
Tudo pela estrada fora,  
E falso, ele vem seguro,  
E vencendo estrada e muro,  
Chega onde em sono ela mora,

71

E, inda tonto do que houvera,  
À cabeça, em maresia,  
Ergue a mão, e encontra hera,  
E vê que ele mesmo era  
A Princesa que dormia.

Publicado pela primeira vez in  
Presença, n.os 41-42, Coimbra, maio  
de 1934. Acerca da epígrafe que  
encabeça este poema diz o próprio  
autor a uma interrogação levantada  
pelo crítico A. Casais Monteiro, em  
carta a este último:

A citação, epígrafe ao meu poema  
“Eros e Psique”, de um trecho  
(traduzido, pois o Ritual é em latim)  
do Ritual do Terceiro Grau da Ordem  
Templária de Portugal, indica  
simplesmente — o que é fato — que

me foi permitido folhear os Rituais dos três primeiros graus dessa Ordem, extinta, ou em dormência desde cerca de 1888. Se não estivesse em dormência, eu não citaria o trecho do Ritual, pois se não devem citar (indicando a origem) trechos de Rituais que estão em trabalho [In VO/II.]

## **PASSOS DA CRUZ**

Esqueço-me das horas transviadas  
o Outono mora mágoas nos outeiros  
E põe um roxo vago nos ribeiros...  
Hóstia de assombro a alma, e toda estradas...

Aconteceu-me esta paisagem, fadas  
De sepulcros a orgíaco... Trigueiros  
Os céus da tua face, e os derradeiros  
Tons do poente segredam nas arcadas...

No claustro seqüestrando a lucidez  
Um espasmo apagado em ódio à ânsia  
Põe dias de ilhas vistas do convés

No meu cansaço perdido entre os gelos  
E a cor do outono é um funeral de apelos  
Pela estrada da minha dissonância...

***Esta espécie de loucura***

Esta espécie de loucura  
Que é pouco chamar talento  
E que brilha em mim, na escura  
Confusão do pensamento,  
  
Não me traz felicidade;  
Porque, enfim, sempre haverá  
Sol ou sombra na cidade.  
Mas em mim não sei o que há

74

75

***Feliz dia para quem é***

Feliz dia para quem é  
O igual do dia,  
E no exterior azul que vê  
Simples confia!



Azul do céu faz pena a quem  
Não pode ser  
Na alma um azul do céu também  
Com que viver

Ah, e se o verde com que estão  
Os montes quedos  
Pudesse haver no coração  
E em seus segredos!

Mas vejo quem devia estar  
Igual do dia  
Insciente e sem querer passar.  
Ah, a ironia

De só sentir a terra e o céu  
Tão belo ser  
Quem de si sente que perdeu  
A alma p'ra os ter!

***Flor que não dura***

Flor que não dura  
Mais do que a sombra dum momento  
Tua frescura  
Persiste no meu pensamento.

Não te perdi  
No que sou eu,  
Só nunca mais, ó flor, te vi  
Onde não sou senão a terra e o céu.

***Foi um momento***

Foi um momento  
O em que pousaste  
Sobre o meu braço,  
Num movimento  
Mais de cansaço

Que pensamento,  
A tua mão  
E a retiraste.  
Senti ou não ?

Não sei. Mas lembro  
E sinto ainda  
Qualquer memória  
Fixa e corpórea  
Onde pousaste  
A mão que teve  
Qualquer sentido  
Incompreendido.  
Mas tão de leve!...

Tudo isto é nada,  
Mas numa estrada  
Como é a vida  
Há muita coisa  
Incompreendida...

Sei eu se quando  
A tua mão  
Senti pousando  
‘Sobre o meu braço,  
E um pouco, um pouco,  
No coração,  
Não houve um ritmo  
Novo no espaço ?  
Como se tu,  
Sem o querer,  
Em mim tocasses

Para dizer  
Qualquer mistério,  
Súbito e etéreo,

78

Que nem soubesses  
Que tinha ser.

Assim a brisa  
Nos ramos diz  
Sem o saber  
Uma imprecisa  
Coisa feliz.

***Fosse eu apenas, não sei onde ou como***

Fosse eu apenas, não sei onde ou como,  
Uma coisa existente sem viver,

Noite de Vida sem amanhecer  
Entre as sirtes do meu dourado assomo....

Fada maliciosa ou incerto gnomo  
Fadado houvesse de não pertencer  
Meu intuito gloriola com Ter  
A árvore do meu uso o único pomo...

Fosse eu uma metáfora somente  
Escrita nalgum livro insubsistente  
Dum poeta antigo, de alma em outras gamas,  
Mas doente, e , num crepúsculo de espadas,  
Morrendo entre bandeiras desfraldadas  
Na última tarde de um império em chamas...

